

MÁRIO RUI SILVESTRE

O QUARTO SEGREDO de FÁTIMA



SliVros.pt

UM

*«Desfalecidos são vossos altos
mistérios, aos céus fugirão vossos
incompreensíveis milagres, e torpes
abominações vossos divinos
sacrifícios corromperam»*

(*in.* Samuel Usque — «Diálogo
Pastoril sobre coisas da Sagrada
Escritura» séc XVI)

Percorri a rua cheia de lojas de artigos religiosos que conduz ao recinto. Na parte elevada da praça, junto da cruz alta, avista-se o alpendre perto da azinheira. Encaminhei-me para lá. Exposta, no interior, está uma imagem da Senhora que não deve ser a primitiva oferecida por um merceeiro de Torres Novas, nem a que foi coroada rainha do mundo, pelo cardeal Aloisi, legado papal, em 1946.

Em frente, fica a Basílica começada a construir em 1928 e sagrada em 1953. Antes disso, na noite de 9 de Julho de 1947, durante grande tempestade, um raio destruiu a barraca próxima onde se guardavam os artigos religiosos. Em 9 de Novembro de 1951, outro raio, atingindo a torre sineira danificou os vitrais e o púlpito construído para as cerimónias do Ano Santo, sucedidas anteriormente. Tem 82 metros de comprimento e 50 de altura. Ligados ao templo, de ambos os lados, erguem-se as colunatas, entre as quais estão os painéis da via-sacra a lembrar que este é um lugar de penitência. No centro da praça, uma estátua num plinto.

Saí e dirigi-me para Aljustrel, aldeia a sul, onde nasceram os pastores videntes. Na rotunda, alteia-se bizarro obelisco cilíndrico, menir fálico de mau gosto, aos pés do qual, em bicha pirilau,

ajoelham os três pequenos pastores. Subindo a um cabeço, chega-se à loca, entre pedras alvacentas, onde apareceu o vulto embrulhado num lençol que afinal era o custódio arcanjo de Portugal. Aqui observa-se o monumento inaugurado em agosto de 1956, a expensas da Hungria, que assinala o lugar em que os pastores terão visto a Virgem, depois do administrador de Ourém a não a deixar ver, na Cova da Iria, no dia 13 de agosto de 1917. Nesta direção, alinha-se a via-sacra. É composta de catorze pequenas capelas, rematada por outra maior dedicada a Santo Estevão, santo que nada teve a ver com este local, a menos que estas pedras que o juncam, instrumentos da delapidação dele, por associação de ideias, o tenham lembrado. Chama-se ao conjunto, *calvário húngaro do cardeal Mindozenthi*, erigido à custa das doações anónimas dos católicos daquela nação, refugiados nos ditos países livres.

Outro cardeal, legado do papa, Tedeschini, encerrara aqui anos antes o Ano Santo Universal (1951), para o que, e serem vendidos, se emitiram dez milhões de selos com a efigie da Senhora de Fátima. Foi nesta altura que o mesmo cardeal revelou ao universo *urbi et orbi*, para espanto da cristandade e afins, que o papa Pio XII, presenciara, não uma, nem duas, mas três vezes nada menos, nos jardins do Vaticano, o milagre do sol acontecido em Fátima, e visto cá dos fiéis somente uma, em Outubro de 1917.

Poucos anos corridos sobre esta magnífica revelação, D. Manuel da Conceição Santos, arcebispo de Évora, coroou de novo a imagem da Senhora, que partiu em peregrinação pelo mundo e na qual sucedeu o espantoso milagre das pombas muito persistentes que acompanharam por todo o lado o avião, nunca se arredando, mesmo em terra, dos divinos pés da Virgem. Percorreu primeiro a Europa, Açores e Madeira, rumando à África lusa, antes da restante, do Cabo ao Cairo. Dirigiu-se depois para a Austrália, Nova Zelândia, e Índia, tendo, na viagem para Calcutá ardido o avião provocando na santa efigie danos inopinados, o que levaria à pronta substituição da divina imagem. Aportou enfim ao Egito, adorada em delírio pelos muçulmanos, crentes na filha homónima do Profeta, de quem julgavam tratar-se a Senhora de Fátima, alguns pelo menos.

Em Maio de 1936, o porta-voz do episcopado, ao terminar em Fátima o retiro anual de reflexão, mostrou-se apreensivo com a revolta republicana em Espanha, fazendo voto público de promover uma peregrinação nacional caso o nosso país fosse poupado àquele nefasto contágio. Dois meses volvidos sobre esta promessa, rebentou na nação irmã o movimento libertador do generalíssimo Franco, quebrando aquele contágio e poupando-se a dita peregrinação. Não obstante, a 22 de Maio de 1948, a imagem da Virgem de Fátima visitou, em Madrid, o ditador Francisco Franco, numa comovente cerimónia celebrada pelo cardeal Cerejeira, tendo o generalíssimo revelado então que a Senhora estava com ele e a sua política, no que todos concordaram aplaudindo.

A 8 de maio de 1950, um ano antes da revelação das célebres visões do «*milagre do sol*», o papa Pio XII deixou um sério aviso a incrêus, relapsos, céticos e pertinazes, prevenindo que «*Já passou o tempo em que se podia duvidar de Fátima*». Não obstante, quatro anos volvidos, o padre José Fernandes venceu, aos microfones da Rádio Voz de Fátima, que «*os portugueses são competentes para divulgar a mensagem de Fátima*», não fosse algum renitente cético ainda julgar que não, ou tentasse substituir os lusos nessa feliz empresa.

Infelizmente, a 30 de Janeiro de 1957, data dentre todas infausta, morria na Cova da Iria o primeiro visconde de Montelo, sem segundo, mais conhecido por cónego Manuel Nunes Formigão, ou «*Apóstolo de Fátima*» ou «*Quarto pastorinho*», ele próprio o outro. Primeiro e excelso historiador do fenómeno das aparições, e bom compositor musical, consoante atesta o «*Hino de Fátima*», versos inclusos, que ele compôs a 13 de Maio de 1923, inspirado tanto naquele feliz dia como no favor da Virgem celeste. Formado em teologia e direito canónico, devoto de N^a Sr^a de Lourdes, em cujo santuário prometeu, em 1909, divulgar o culto da mesma Senhora em Portugal, seria, nove anos após essa humilde visita, o supremo arauto das maravilhas de Fátima. Dele, faria o elogio o arcebispo D. Manuel Mendes da Conceição, afirmando que o cónego Formigão «*foi o instrumento escolhido por Nossa Senhora para garantir a autenticidade de tais acontecimentos*», sem menoscabo da

proibição posterior emitida contra os descrentes de Fátima pelo papa Pio XII que a ratificou. Outrossim, garantiu o arcebispo, o padre Formigão, além dos títulos de «*Apóstolo de Fátima*» e «*Quarto pastorinho*», foi ainda uma afinada «*Trombeta de Deus*», aludindo à costela musical do cónego.

A ele cónego e visconde apostólico se deve a criação da Congregação das Irmãs Reparadoras, inspirado no convívio concertado que manteve fértil com Luísa Andaluz, da Congregação das Servas de Fátima. Congregação Reparadora dos pecados e sofrimentos da humanidade, juntando-se nessa missão hospitaleira às Oblatas do Divino Coração; às Missionárias Filhas do Coração de Maria; às Escravas do Coração de Jesus; às Hospitaleiras do Coração de Jesus; às Carmelitas do Coração de Jesus; às Irmãs Coraçonistas sem mais ; às Irmãs da Caridade do Sagrado Coração de Jesus; às Irmãs do Sagrado Coração de Jesus Sacramentado; às Missionárias do Sagrado Coração de Jesus, que não deve ser confundido com as anteriores; nem com a Companhia Missionária do Coração de Jesus ; ou as Missionárias do Amor Misericordioso de Jesus; ou as Missionárias Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus; nem com o Instituto Secular do Coração de Jesus; muito menos com o singular Instituto Religioso do Coração de Maria. Tudo, sem falar das históricas Congregação dos Sagrados Corações (Picpus); da Sociedade do Sagrado Coração de Jesus; do Instituto dos padres do Coração; dos Missionários do Sagrado Coração de Monistrol-sur-Loire; das Missionárias do Sagrado Coração de Issoudun; dos padres seculares do Coração de Jesus; das Beneditinas do Sagrado Coração de Jesus; dos Padres do sagrado Coração de Jesus de Béthararm; dos Reparadores do Sagrado Coração; dos Padres Apóstolos do Sagrado Coração de Momtmart; das Reparadoras do Coração de Jesus; das Irmãs Zeladoras do Sagrado Coração; das Servas do Coração de Jesus; e sobretudo dos Filhos do Sagrado Coração das Missões Africanas de Verona, só para referir os mais conhecidos, hospitaleiros, e piedosos reparadores dos ofendidos corações sagrados. Ficando, desde este glorioso dia da morte do padre Formigão, aberto o caminho para a beatificação deste nome, único *inter pares* no exército de santos que,

nos anais hagiológicos, formam a vanguarda da luta contra as trevas, empunhando o facho radioso da luz, da verdade e do bem.

Um mês e três dias, sobre esta morte santificada a prazo, sucedeu a do *Ti Marto*, pai de dois dos videntes a quem se foi juntar no céu dos anjos, e ao cónego Formigão. Se vivesse mais dois meses veria descer, do céu dos paraís, dois helicópteros americanos, da esquadra surta no Tejo, que aterraram na Cova da Iria, despovoada de gente para os ver de longe, e não ser colhida com tão inopinada aparição aérea. Quem os viu afinal, e abençoou, foi Mon. Léon, bispo do Luxemburgo. Presidente também do Congresso Internacional do Cristo-Rei, reunido em Fátima, onde declarou, cheio de humildade, que só «*ocupa este cargo honroso por que desconfia que o Luxemburgo irá ser a capital da futura Europa unificada*», no reinado do Cristo-Rei, presume-se.

Neste célebre congresso, realizado a 12 de Agosto de 1957, Mons. Fulton Sheen profetizou que, apesar dos helicópteros americanos, a África virá a ser no futuro mais rica que a América e além disso a salvação da Europa, mistério que só hoje, com as migrações em massa, se começa a perceber. Quem, na altura, levou a sério esta profecia, foi o célebre astro de Hollywood, Red Skelton, que doze dias volvidos, desenganado dos médicos americanos, compareceu em Fátima, suplicando da Virgem a cura de um filho que acabaria por morrer, sem, com isso, poder assistir ao profetizado novo mundo liderado pelos africanos na Europa.

Desde então, até hoje, começou a RTP a emitir da Cova da Iria, a verdadeira «*fé dos homens*», e das mulheres, julga-se. E no dia 13 de Maio de 1959, formou-se de Fátima para Lisboa, imponente e piedoso cortejo liderado pela imagem entronizada da Senhora de Fátima, Rainha de Portugal, a fim de, em nome do Reino de Deus, estar presente na inauguração da estátua do Cristo-Rei, na capital republicana do império. De volta, assistiria ainda, a 18 de Agosto desse ano, às súplicas de Armando Coutinho, ex-braço direito do líder do Partido Comunista brasileiro, que veio ao santuário expiar as culpas do seu passado de ateu impenitente e implorar, convertido à Virgem, aos microfones da Rádio Voz de Fátima, que o Brasil não

entrasse nunca os frios umbrais de Moscovo, do materialismo dialéctico, e *matrioskas*. Às favelas, crime e pobreza, disse nada.

Quatro dias após esta conversão espantosa, o corepiscopo de Damasco, Mons. Etienne Rachal, garantiu à mesma fonte que *«depois de dezanove séculos a juventude feminina muçulmana se libertara do isolamento e reclama o ingresso na vida política.»* Assunto controverso, acrescentando que *«Fátima é a porta de entrada do mundo muçulmano para o catolicismo»*, se tanto concordarem as partes. Apesar disso, em 17 de Maio de 1960, o bispo de Leiria, em carta dirigida aos bispos de todo o mundo, sugeriu uma *«oração universal»* para obter a conversão ao catolicismo dos homens e mulheres deste planeta, incluindo os muçulmanos, e supõe-se que os extraterrestres que os deve haver no universo.

Naquele ano, a 13 de Outubro, estiveram em Fátima 300 000 almas, realizando-se 100 000 comunhões, e celebrando-se 486 missas, na Basílica e entre as colunatas. Com o eclodir do terrorismo nas colónias lusas, no ano seguinte, reuniram-se a 13 de Maio 20 000 crianças no santuário, pedindo à Virgem a permanência de Portugal em Angola, e vice-versa. Tendo-o feito, logo a 12 de Julho de 1961, Mons. Fulton Sheen, que profetizara África como futura líder do mundo e salvação da Europa, afirmou em Lisboa, e por esta ordem, que *«a mensagem de Fátima tem a mesma importância que o discurso de S. João Baptista; o primeiro sermão de Jesus Cristo; o primeiro discurso de S. Pedro; e o último discurso de Nosso Senhor»*, sendo muito aplaudido. Deverá entender-se, a bem da teologia, política, e bom senso, neste último caso do *«discurso de Nosso Senhor»*, que se trata de Deus Pai, pois o de Jesus Cristo foi o primeiro Sermão, e quanto ao Espírito Santo não se conhecem nem discursos nem sermões.

«Fazei penitência! Fazei penitência! Fazei penitência!», com esta tripla interjeição dos cátaros excomungados antigos, o *«penitentiam agite!»*, termo resgatado pela Senhora de Lourdes para a cristandade canónica, foi que, nesta altura, Mons. António Borges, digno reitor do Santuário, apelou ao exército azul, em contraponto ao exército vermelho, pedindo uma cruzada contra os inimigos da

civilização cristã, e o comunismo em geral, nada menos. Ainda assim, sem desprezo pela conhecida eficácia do exército azul, a 9 de Julho de 1962, compareceram em Fátima mais 30 000 crianças da cruzada eucarística, catequese e colégios, a implorar, em vez da guerra, a paz para Portugal continental, insular e ultramarino, sem mais pormenores.

Malgrado a paz não ter sido alcançada, o órgão da basílica, em 1963, passou a ser, para compensar, o maior e mais perfeito do mundo. E numa montra perto do Santuário, via-se uma bonita imagem da Senhora rodeada da oração «*Avé Maria*» traduzida em 65 línguas vivas, fora o latim primitivo do «*avé*» ritual dos cézares mortos. E a 14 de junho de 1964 chegaram a Fátima, convidados pelo Presidente da República portuguesa, o Dr. Carlos de Lacerda — convidado, não presidente luso entenda-se —, esposa e filhos, para agradecer à Virgem por o Brasil se ter libertado do comunismo, consoante o pedido pioneiro de Armando Coutinho. Com semelhante intenção — igualmente a convite do nosso Presidente — permaneceram dois dias no Santuário, trajados à ocidental com o devido respeito, cinco régulos também nossos de Angola.

Noutro plano, e a mesma fé, a 19 de Fevereiro de 1965, os representantes do Santuário informaram que, desde aquele subido dia, uma azinheira, árvore simbólica de Fátima, passaria a representar Portugal num jardim de Los Angeles. Nada disto, contudo, se equipara à revelação acontecida no ano 2000, quase um século após as aparições de Fátima, e duas décadas depois do atentado ao Papa em 1981, na Praça de S. Pedro. Que dizer, que já não tenha sido dito, desse admirável facto universal da revelação do *Terceiro Segredo de Fátima*, aquele em que Nossa Senhora desviou, a 13 de Maio de 1981 a bala destinada a matar o Papa João Paulo II, já que Deus o tinha guardado para morrer de Parkinson em glória e remissão dos pecados da humanidade mais tarde?!

Quando, meio aturdido ainda deste monólogo interior alucinado, me encaminhava para o automóvel, fui acordado pelo toque do telemóvel. Era da editora a lembrar-me que o dr. Anselmo me aguardava num restaurante de Tomar para o almoço. Olhei o relógio. Onze e meia. Tinha ainda tempo para dar uma volta pela região.

Entrei no carro e dirigi-me para a rotunda norte. Aí, curvei à esquerda, e tomei a estrada da Batalha. Do lado direito comecei a avistar os cruzeiros da outra via-sacra. Inaugurada em 26 de Junho de 1927, tem catorze estações, em cruces de pedra, ao longo de treze quilómetros. Construída no primeiro ano do Estado-Novo, foi com ela que o bispo de Leiria presidiu em Fátima, pela primeira vez, a uma cerimónia oficial. A via-sacra lembra aos peregrinos que aqui passam quão mais intensa e dolorosa foi, em comparação com a deles, a expiação e dores de Jesus Cristo. Essa distância conforta-os e ajuda a suportar provações futuras. Se não, lá está esse livro entre todos excelso e grandioso, nas suas mais de mil páginas, que a mãe da vidente Lúcia costumava ler à filha, e é «A Missão Abreviada», do padre Manuel do Couto (1859), de muita virtude e doutrina, onde se descreve com exatidão científica a via-sacra de Cristo e, a págs 242 se lê «*Em sua Paixão Jesus sofreu 144 pontapés; 150 punhaladas; 102 bofetadas; 202 golpes pelo corpo; 27 arrastões com corda; 5000 açoites; 72 angústias no coração; 72 escarros no rosto; 72 golpes de martelo no cravar dos pregos; 109 suspiros; 6475 ferimentos; 600.200 lágrimas que chorou; 230000 gotas de sangue vertidas*». O que, tudo somado, representa cerca de vinte litros de sangue e quase cinquenta de lágrimas, a contar por baixo e de modo abreviado. Nada mau, ou antes péssimo e comovente.

A espaços, as cruces na berma da estrada mal se destacam da densa floresta de eucaliptos, árvore também de grandes tragédias. Ao cimo, em nova rotunda, tomo a direção das grutas de Moeda. Em torno, uma paisagem de pinheiros, urzes e fetos. Estava numa das ramificações da Serra d'Aire que se estende por Fátima para lá de Ourém, até aos contrafortes de Fungalvaz perto de Tomar. Por todo o lado grutas; algares; nascentes cársicas donde brotam rios, Almonda, Alviela; poços e riachos; campos de lapiás; polges, inundados pelo assomar das águas subterrâneas ao longo de quilométricos labirintos interiores; maciços de calcário dos mais imponentes da península; pedras, muros, abrigos de campo centenários, pontuando uma paisagem percorrida por dinossauros há mais de 175 milhões de anos, quando a Europa se unia à América

no supercontinente Pangea. Pegadas, conchas, pedacinhos de ossos. Lugar de refúgio de tribos primitivas e aparições mágicas desde o alvor dos tempos; espíritos alumbrados; sufistas, templaristas, cabalistas perseguidos; mouros em debandada com a reconquista cristã; moiras encantadas virgens aparecidas depois de martirizadas; lobisomens uivando nos penhascos, recortados na lua álgida. Lendas, profecias, sortilégios.

Habitada pelo avô cavernoso em grutas na chapada rochosa das encostas, há cinquenta anos ainda se vivia aqui como há mil. Por todo o lado muros baixos de pedra solta a delimitar, numa pulsão de pertença, hortas e casas, sobremodo para prevenir a intrusão de animais que desbastam a couve, nabo, batateira, grão, para o caldo de broa, sustento diário do indígena e seu agregado. Fontes de chafurdo abertas a todo o lixo, sanguessugas e alimárias. Casebres de calhaus mal amanhados, adobe e colmo, retocado desde o tempo da Maria Castanha. Roupas de burel pisoado nalgum moinho das ribeiras perdidas na serra. Falta absoluta de higiene e assistência médica. Escola a duas léguas, no melhor dos casos, para mandar, o primogénito masculino à escola aprender a cartilha, ler o papel da décima, descalço sobre toda a folha fizesse sol ou chuva. Missinha ao domingo para a desobriga, quando o sino da paróquia, galgando quebradas, enche o ar de respeito e devoção. Medo atávico às instituições. Aos tribunais que levam coiro e cabelo. À guarda republicana. A forasteiros intrometidos ou trampolineiros capazes de lhe raparem os últimos patacos da venda do bácoro, ou réstia de alhos, trocados no mercado semanal da sede do concelho. Pão para quinze dias, amassado com suor no forno do casinhoto junto ao lar, guardado na arca de pinho roída da carunchada e ratos. Lenha custosa de pegar que quebra os olhos, como único combustível. Caminhos poucos, quase carreiros, abertos no tempo dos romanos e do canhoto. No que ao espírito toca, catecismo, doutrina, medufa do inferno, de todos os diabos, bruxas, pragas, encantamentos, e alminhas do outro mundo. Festejos, harmónica ou concertina no cortelho da vaca, em dia de casório ou festa de santo. O mundo à volta, tirando isto, num raio de quatro léguas upa upa, até podia não existir. Andurriais de Aire. *Aires, airinhos, aires!*

Sigo por uma estradinha quase deserta, limitada por muros baixos, carrasqueiras, pinheiros, silvados, em direção às grutas da Moeda. Não tenciono entrar. Só sentir as vibrações telúricas antigas, seja isso o que for, que senti em tempos neste lugar habitado por mouras encantadas, anjos e druidas célticos sob a copa de vetustos carvalhos sibilinos. Entretanto, vejo pelo retrovisor um carro à retaguarda que me ultrapassa estacando logo à frente num chiar agudo de pneus, a bloquear a estrada. A custo evito o acidente, travando a poucos centímetros dele. Indignado, preparo-me para insultar o condutor quando dou conta de um novo carro que estaciona atrás de mim, encurralando-me. Sem dar tempo a reagir, do primeiro carro sai-me um caramelo de arma em punho apontada a mim. Suspeitando assalto, aguardo. Mãos no volante, aparentando calma. O que me aponta a fusca abre a porta do pendura, e comigo em mira, guincha-me para seguir o carro da frente que se metera por vereda lateral de terra batida sob pinheiros e carrasqueiras. Obedeço às instruções do pendura estreitado, nervoso miudinho e cabeça de alho chocho, e secundo a manobra do carro dianteiro. Entro por um trilho coberto de caruma que, cinquenta metros adiante, a coberto da estrada, desagua num pequeno largo ladeado de silvas e pinheiros. Reparo que a viatura que me bloqueara se imobiliza na entrada do desvio. O carro da frente, um *Mercedes* escuro, faz inversão de marcha no pequeno largo. Quando o cara de rato me manda parar o motor do meu *Mustang* clássico reciclado, e sair de mãos no ar, já o condutor do *Mercedes* me aguarda de 32 em punho com ar de urso das estepes.

— Que merda vem a ser isto? — ataco, a fazer-me forte.

Nem me dão troco. A um gesto do do *Mercedes* — um maduro encorpado, casaco de cabedal castanho, óculos *rayban* e *jeans* —, o focinho de suricata começou a vasculhar o interior do meu carro, porta-luvas, bancos traseiros, espalhando papéis, livros, jornais, examinando a carteira de documentos, esvaziando uma mala de couro, pisando um pacote de bolachas, metendo o nariz de ratazana em todo o lado, batendo com o capacete no tecto, olhando debaixo dos bancos. O que me vigia, exasperado com o cara de rato, rosna-me sardónico:

— Onde é que trazes a bomba!?

Sem atinar com o que me está a acontecer, menos ainda com o sentido daquela pergunta, reajo sem artificios:

— Bomba!? Vocês mararam ou seguiram o carro errado! — e, mudando para um registo mais *soft* presentindo naqueles manos dois membros confusos da *judite*. — Posso saber que raio vem a ser esta porra!?

No mesmo momento o que vasculhava fez de lá um sinal negativo.

— Vê no porta bagagens!, — mugiu o que parecia ser o chefe, impassível.

O cabeça de brócolo saiu e começou a tentar abrir a bagageira do meu carro sem êxito. Exasperado, o brutamontes que mantinha a 32 dirigida a mim, rosnou, afastando o comparsa frustrado:

— Abre já esta merda se não queres ir daqui prós anjinhos sem asas!

Avancei para o porta bagagens do meu *Mustang*, não sem antes, sacripanta, avisar aqueles manos:

— Cuidado que isto pode explodir! — já ciente do que procuravam.

Aberta a mala, o grandalhão de imediato sacou uma pasta donde retirou o manuscrito encadernado que eu levava para mostrar aos editores de Tomar, começando a ler. Vendo ali uma oportunidade rompi a dar à taramela:

— É assim que os chuis deste país de inquisidores renascidos, tratam os cidadãos de bem, sem respeito pelas leis....

E sem parar, para entreter, fui-me chegando para a fusca do fuinha que, a meu lado, observava o colega. Quando tentei pôr em prática a técnica de desarme do inimigo, aprendida no curso de oficiais milicianos da E.P.C e filmes antigos de John Ford, senti na nuca a chamada «*patada de urso*», num pagode de relâmpagos multicolores e bimbalhada de sinos. Antes de afocinhar na caruma que cobria o chão, vi ainda, escarranchado numa pernada de pinheiro, o Arcanjo S. Miguel, que me sorria, cabeça inclinada com a mão no capacete aconselhando-me a que dormisse. O que fiz logo a seguir.

DOIS

«E fez o mosteiro d'Alcobaça quando ia filhar Santarém a mouros. E hia com elle seu irmão o quall jaz sopultado em na ousia do dicto mosteiro. E o seu nome he Pedro Afonso. E chegando acima da serra Mindiga dom Pedro Afonso disse contra seu irmão Rey dom Afonso: Senhor ouvi falar de huom homem boo, e muy santo que chamam Bernardo que he de hũa Ordem que chamam Sam Bento. E Senhor se lhe vós derdes aquy huom lugar em que seja facto huom mosteiro creede bem que logo per mercee de Deus filharedes Santarém»

(in Crónicas Breves de Santa Cruz
de Coimbra — séc XIV)

Tinham ganho as alturas da serra d'Aire ou Mendiga. A uma ordem de Pedro Afonso, oficial às ordens d'el rei, a hoste derreada suspendeu a marcha. De supetão, sem arriarem mochila, espada ou bacinete, muitos atracaram de borco na terra ainda húmida àquela hora matinal, repassada de um bafo frio que vaporava do mar para oeste. Há quatro noites, desde Coimbra, que caminhavam, bivacando ao alvorecer por receio de olharapos intrusos que danassem aquela empresa secreta, alertando o mouro que por ali amanhã almuinhas ou pastoreava rebanhos, à espalda das povoações.

Março fora, a terra empapada nas veigas pouco mais era, a espaços, que maracha dificultosa de vencer. Todo este esforço de intentar algara tão temporã obedecia aos planos d'el rei, que ali ia de ânimo esforçado a dar o exemplo, contando surpreender os

mouros de Abzechri desprevenidos desta campanha em tempo assim molhado. Por Alfafar, a poucas léguas de Coimbra, onde ergueram o primeiro bivaque, Dornelas a seguir, Albardos depois, na direção de Abdegas, já dentro desta Serra d'Áire, atingiam agora as alturas do Arrimal donde, para oeste, quase se podia lobrigar sobre a planura fértil, os laivos azulados do mar oceano. Chão coalhado de calhaus alvadios, cabeça atrás de cabeça, grinaldas de giesta, urze e alecrim, subir descer contínuo, ao arrepio do sete estrela, vinham avançando sempre para sul. Ali, a duas jornadas do objetivo, redobravam de cuidados pelo acumular de aldeias moiriscas, obliquando para leste para evitarem o vale de Alcanede que lhes era mais cómodo todavia carregado de almuinhas e perigos. Destarte os aconselhara Moigeme, o guia moçárabe que traziam, conhecedor da região e dos mais favoráveis trilhos a seguir. Ao contrário, nestas cumeadas da serra d'Áire, perto do Arrimal, que acabavam de alcançar ao raiar do sol, onde pretendiam acampar para retempero de forças e dar penso aos cavalos, apenas poderiam ser avistados de gavião ou garça enamorada a ferir de plangentes ais os ares. E que vista ampla a que dali começava a pintar com o arrebol, pai dos astros!

Constava a hoste de quase três centenas de homens, poucos ainda para tamanha empresa de conquistar Sancta Herena, Chantirene, Xantarin, como a designavam arábicos, cronicões e lendas, em substituição do nome antigo que tinha de Scalábis, dado pelos romanos, trocado mais tarde pelo de uma virgem e santa, Iria ou Irene, martirizada junto ao convento de Tomar, das beneditinas, por se escusar à luxúria de um monge devasso, lançado o corpo ao rio Nabão, derivando deste ao Zêzere e ao Tejo, vindo fundear frente àquela Scalábis que desde então tomara este nome de Sancta Herena.

Diminutos, em verdade, parecerão estes quase trezentos soldados que cá aportaram, nesta húmida manhã de 13 de Março do ano de Cristo de 1147, ao Arrimal, nos cimos da serra d'Áire, com o fito de tomarem pelas armas esse ninho de águias que é a alcáçova de Abzeckri, o mouro que a governa, o qual ainda há pouco saiu vencedor dos Templários de Soure, trazendo para ela muitos dos

soldados-freires cativos, motivo principal deste empreendimento de vingança e resgate que El-rei Afonso Henriques agora comanda para maior glória de Deus, alargamento do território e proteção da linha do Tejo, futura e próxima fronteira do reino de Portugal, impedindo com isso novos surtos imprevistos dos muçulmanos como o de Soure para norte, assim esta empresa triunfe.

O plano de conquista, proposto a el-rei por mestre Hugo Martins, procurador dos Templários, assentava sobremodo na chamada guerra guerreada, ou de guerrilha, ensaiada pelos defensores do Templo na Palestina, onde a aprenderam das tribos árabes com que entraram em contacto, admirando secretamente nelas, além desta arte bélica, muita da cultura e rituais desses povos, assunto que tanto haveria de pesar na sua futura condenação pelo papa e o rei de França. Contando, para tal guerra, menos o número de soldados que a tática e experiência dos combatentes, matéria em que os cavaleiros do Templo se destacavam, e propondo Dom Hugo a el-rei que a hoste para a conquista de Sancta Herena, e libertação dos Templários cativos, fosse, na maior parte, composta dos seus destemidos irmãos, não se tornou difícil convencê-lo da pertinência deste desejo o qual rei, se tudo corresse bem, mataria três coelhos duma arrochada: alongaria o reino até ao Tejo; libertaria os cristãos escravos; e ganharia créditos para entrar vestido e calçado no Paraíso, mais certo que se alistasse numa cruzada esbaforida contra o infiel.

Montado o bivaque nas alturas do Arrimal, breve toda a hoste, fora os vigias, ressonava a sono solto, descontados roncões e palavreado insofrido dalguns a dar aos nagalhos com o perigoso ataque próximo donde podiam sair bem feridos ou mortos. Nos melhores casos, sonhariam com as flexíveis cinturas das moirinhas encantadas, ou por desencantar, olhos de azeitona lustrosa e riso alvo, que Morfeu lhes fazia aparecer jucundas. Reunidos a um canto sob o olhar de um guarda, os cavalos despontavam uma ervagem forte e flor do trevo, primeiro indício da primavera certa que se anunciava, ou mastigavam a palha que lhes vinha reservada. Tudo concertado, o sol podia romper sem perigo de serem vistos senão dos anjos do empíreo ou milhafre curioso a adejar.

Para oeste, no que a vista alcançava, a terra arruivada pelos primeiros raios de sol, desprendia uns vapores etéreos que ascendiam lentos, e de oeste, trazido pela brisa, chegava o perfume de uma salsugem ténue e sadia que retemperava corpos e dava prazer às almas. Breve o calor foi dourando a lonjura e pela tarde el-rei Afonso mandou acordar todos. Antes de se aparelharem para a nova jornada nocturna reuniu a hoste ao redor de si para, com mestre Hugo, lhes arengar sobre aquela missão, encoberta por tática, e incutir ânimo.

Até este momento, o objectivo da mesma somente era conhecido d'el-rei, de Pedro Afonso, e de mestre Hugo, porém, entre a soldadesca não faltava quem alvitrasse da conquista de grande cidade para sul onde jaziam prisioneiros os camaradas cativos em Soure. Não obstante, não seria hoje ainda que el-rei Afonso o descobriria, guardado o segredo para o último bivaque que o seguro morreu de velho, coisa e tal. Impunha-se, isso sim, falar do serviço a Deus e Santa Maria, orago querido destes Templários, sob a protecção de quem iriam combater. Foi o que fez el-rei, referindo, além daquela divina ajuda, a do muito prestimoso S. Miguel, anjo custódio do novo reino que fundara, da sua particular devoção, que se acharia combatendo lado a lado com eles, portanto não esmorecessem antes pensassem na sorte dos seus irmãos cativos e na glória daquele dia. Sermoneou de seguida Dom Hugo, procurador dos soldados do Templo, exortando-os, em nome dos irmãos mortos e aprisionados a combaterem de modo corajoso e esforçado para levarem a bom termo aquilo a que se propunham, para maior glória de Deus, de suas vidas, e cristandade.

Assim animados, logo ali os mais prendados da arte da música, canto e danças, se entregaram a folias diversas o que muito agradou a el-rei, aos senhores, e a toda a hoste. Após o apresto final da jornada, e da refeição da cozinha geral e da de secos e molhados que cada um trazia, com um briol encorpado para retempero de forças, cantando trovas ao jeito provençal e outras partes gagas, se entretiveram até ao momento da partida:

*«Yo me iba, mi madre
a Santa Maria del Pino
Vi andar una serrana
Bien à cerca del camino»*

Declinava o sol para as bandas do mar quando el-rei, tocado da grande calma e encanto do que dali se avistava, destacou do grupo com que vinha tratando de coisas graves ou alegres e se dirigiu para um dos ângulos do acampamento, donde irrompiam poderosas fragas sobre o abismo. Trepando pela mais chegada, ficou embevecido pela vista ampla de uma terra sáfara, abeberada de húmus até onde a vista alcançava, pronta por certo a desentranhar-se em bons frutos logo que a mão diligente do colono a cultivasse. E via, num primeiro momento, como aquela terra poderia servir de futuro celeiro ao grande reino que sonhava para Portugal, expulso dele, ou dominado e ao seu serviço, o muçulmano invasor. Para tanto, contava com a ajuda daqueles cavaleiros Tempreiros que levava em sua companhia, que de França, pátria de seus maiores, tinham saído para Jerusalém a proteger o Santo Sepulcro de Cristo e estradas que para lá conduzem os cristãos, a quem seu nobre pai e madre, a quem Deus perdoasse, estimavam e atraíram ao reino destinando-lhes o castelo de Soure, esperando deles grandes ajudas e merecimentos. Neste passo foi que deu conta de um vulto, postado nas traseiras da fraga onde subira, que o contemplava em silêncio:

— Subi irmão, e vinde observar comigo a terra que mui breve Deus entregará nas nossas mãos! — convidou.

— Assim será Senhor, com ajuda de nossos soldados e dos de Dom Hugo ao vosso serviço...

— Falais acertado como sempre irmão, mas não ignorais quanto nessa ajuda ainda dependerá de Deus e da Sua infinita misericórdia para alcançarmos a vitória!

— Boa verdade é essa, por isso lá dizem os nossos velhos que mais Deus ajuda que quem muito madruga. A questão é outra... — e Pedro Afonso, calou-se, enigmático e respeitoso.

— Outra, irmão? — sorriu el-rei, adivinhando a reserva daquele silêncio.

— Sim irmão, consoante reza o evangelho, dai a Deus o que é de Deus, e a César o que a César compete, o mesmo será dizer não mistureis o que ao Céu é devido e à terra dado, e tornai o justo a ambos.

— Não vos entendo irmão! — tornou el-rei com bonomia.

— Entendo eu, Senhor. Quando, há pouco, vos vi afastar da nossa gente, e subir cá para observar toda esta terra deserta de que em breve sereis dono, pensei em como ela retrata bem a alma do mouro que é astuto, ama o deserto, e não gosta de se dispersar para além daquilo que pode defender. — e neste passo Pedro Afonso fez nova pausa, a medir as palavras, conhecedor que era do génio por vezes alevantado do meio irmão.

— Continuai! — mandou el-rei, atento.

— O que vos quero dizer Senhor, é que se é certo que Deus, pelo nosso esforço e piedade, nos concederá a vitória e entregará toda esta terra que vemos, em vossas mãos, quanto com maior satisfação vo-la daria se vós, conquistador dela, a désseis a quem no mundo mais tem defendido os lugares santos e a cristandade — e sem deixar que el-rei o interrompesse continuou — Senhor!, ouvi falar de um homem bom e mui santo, chamado Bernardo, da ordem dos beneditinos que na terra de nossos avós e chorado pai tem operado grandes milagres e sei que vós o conheceis e respeitais tanto como eu. Foi ele que ergueu lá grande abadia para seus monges e por sua santidade e muito saber redigiu, à luz dos ensinamentos do glorioso S. Bento, a Regra por que se guiam agora todos estes cavaleiros do Templo que o veneram, e hoje aqui nos acompanham.

— Quereis, segundo vejo, que não esqueça, nas minhas doações, a estes Tempreiros que connosco vão a conquistar Sancta Herena, filhos espirituais desse glorioso S. Bernardo, por quem nosso pai havia grande respeito e acatamento. Pois ficai seguro que os não esquecerei!

— Por certo que não, Senhor! Mas a estes podereis doar essa civitas sobre o Tejo que com a sua valiosa ajuda iremos conquistar. Porém toda esta várzea que vemos daqui até ao mar, melhor seria doá-la aos monges de Cister, Ordem cara a esse S. Bernardo a quem

nosso pai tanto respeitava como dizeis. E, Senhor, se vós lhe derdes, com esta longa várzea ante nós, um mosteiro nela, crede bem que maior será a satisfação de Deus, e por virtude de S. Bernardo logo filharedes Sancta Herena para a cristandade e vosso reino. Cuidai, irmão, quanto, com isso, vosso engrandecido nome subiria alto no conceito de tão influente e santo varão de quem podereis esperar ainda grandes bens no futuro! — riu-se el-rei da diplomacia de Pedro Afonso, e retorquiou-lhe mordaz:

— Assim se fará irmão dilecto, e se Sancta Herena cair por virtude de S. Bernardo, povoaremos toda esta várzea de monges brancos para o serviço de Deus, do nosso reino e das gentes dele. É assim irmão da minha alma!/? — e pousou a mão forte no ombro leal de Pedro Afonso.

— Bom é isso, Senhor, mas outra coisa vos queria falar sobre esta algara que ora nos ocupa.

— Falai, que sempre em vossos conselhos há que aproveitar.

— Consoante sabeis, de acordo com a honra da cavalaria antiga e consta dos annales portugalenses de nossos sábios frades de Santo Tirso de Riba d’Ave, S. Mamede de Lorvão, e demais dignidades, sobremodo das leis e costumes que regem a quebra de tréguas, não seria descabido,- se assim o autorizardes, é claro! —, enviar Martim Moab que connosco segue, e conhece o arábico, a dar, conforme as regras da cavalaria, aviso aos sarracenos de Sancta Herena que as nossas tréguas com eles estarão rompidas desde o dia desse aviso por motivo do ataque de Soure e aprisionamento por ele dos soldados do Templo. Que dizeis disto?

— Meu bom e honesto irmão!, como não admirarei vossa singeleza e o respeito pela honra da cavalaria antiga que sempre vos animou. Pois sabeí que também eu comungo convosco desse honesto escrúpulo, e assim o guardarei se, perante nós ambos, mestre Hugo que ali está, nos garantir que outro tanto fizeram os mouros antes de chacinarem, daquele horrendo modo que sabemos, os seus Tempreiros em Soure. Concordais comigo neste contracto, honrado e justo irmão!/?